

Considerando a riqueza da base

Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha*

Resumo: Hoje, a Teoria da Otimidade (OT) pode ser considerada o modelo teórico corrente que sustenta a maior parte das análises fonológicas. Com o objetivo de intensificar os questionamentos relacionados à teoria, vários trabalhos têm sido propostos na direção de apontar falhas que a OT apresenta. Alguns desses textos trazem significativas sugestões que podem, e devem, ser aprofundadas para que a teoria avance em seu desenvolvimento. O presente trabalho procura refletir sobre o Princípio da Riqueza da Base, duramente criticado por Reiss (2000), com o objetivo de evidenciar a necessidade da aplicação desse princípio nas pesquisas em aquisição da fonologia.

Palavras-chaves: Teoria da Otimidade. Riqueza da base. Aquisição.

Abstract: Nowadays, Optimality Theory can be considered the theoretical model that has been used in the most part of phonological analyses. There are researches that have been proposed to show some problems of OT. Some of these researches have presented suggestions that must be hardly discussed because by this way the theory can grow up. This research aims to reflect about Richness of the Base (ROTB) – criticized by Reiss (2000). It tries to evidence the necessity of the use of ROTB in the researches about phonological acquisition.

1 Introdução

Desde o seu surgimento em 1993, com *Constraint, Interaction and Generative Grammar* (Prince e Smolensky) e *Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction* (McCarthy e Prince), a Teoria da Otimidade (OT) tem sido utilizada como base teórica para uma série de trabalhos lingüísticos, principalmente aqueles voltados à Fonologia. Impossível citá-los aqui, considerando a gama já realizada nas mais diversas línguas.

* UCPEL – PUCRS.

Tais análises, no decorrer da década de 90, foram responsáveis pelas transformações que a teoria tem passado. Novas propostas foram acrescentadas ao modelo, conhecido como *standard*, de Prince e Smolensky. Hoje, a OT continua atuando como o modelo teórico corrente que sustenta a maior parte das análises fonológicas propostas. Muitos ainda são os problemas enfrentados pela teoria, ainda maior é o número de considerações a serem tecidas no que se refere às inovações que estão sendo freqüentemente propostas, como a LPM de Kiparsky (no prelo).

Com o objetivo de intensificar os questionamentos relacionados à teoria, vários trabalhos têm sido propostos na direção de apontar falhas que a OT apresenta. Alguns desses textos trazem significativas sugestões que podem, e devem, ser aprofundadas para que a OT preencha alguns de seus vazios, padrão comum em qualquer modelo científico em desenvolvimento. Outros, no entanto, parecem apenas refletir a falta de compreensão de alguns mecanismos e princípios da teoria, nada acrescentando de novo às pesquisas lingüísticas. Ainda assim, parecem válidos por evidenciarem pontos da OT que precisam de maior explicitação.

Podemos, aqui, referir Reiss (2000) e suas "reflexões" sobre a Riqueza da Base. Reiss focaliza três aspectos da OT que, conforme o autor, devem ser discutidos: (i) Riqueza de Base (ROTB – *Richness of the base*); (ii) conспirações e (iii) violação de restrições. Nos detemos aqui no primeiro, considerando as "confusões" que têm sido tecidas com relação a esse princípio.

2 As críticas de Reiss (2000)

Conforme Reiss, a OT, ao adotar o princípio da Riqueza da Base, tem se recusado a responder questões relacionadas à natureza da gramática, à faculdade da linguagem dos cérebros humanos,¹ para deter-se simplesmente na formulação de generalizações sobre conjunto de dados.

Antes de explicitarmos os argumentos do autor, que "sustentam" tais afirmações, retomemos o conceito de ROTB:

ROTB: A fonte de toda a variação sistemática entre as línguas é o reranqueamento de restrições. (...) o quadro de inputs para as gramáticas de todas as línguas é o mesmo. O inventário gramatical de uma língua são os outputs que emergem da gramática quando ela é alimentada pelo quadro universal de todos os inputs possíveis. (Smolensky, 1996, p. 3)

Retomando Chomsky (1986).

Portanto, não há restrições nas estruturas morfêmicas, incluindo restrições contra certas seqüências de segmentos ou contra certas combinações de traços. O léxico provê as especificações de *input* que são submetidas a Gen.

Devemos refletir, na verdade, sobre dois pontos aqui:

- (i) O que o léxico provê?
- (ii) Como o léxico provê?

Quanto a (i), podemos afirmar, com base em ROTB, que o léxico realmente provê qualquer estrutura, pois não há restrições nas formas subjacentes. No entanto, ao "tentarmos" (tenho especial apreço por verbos assim em discussões como essa) responder (ii), podemos sugerir que o léxico provê estruturas com base no mecanismo da Otimização Lexical e do que chamaremos aqui "inferência", exemplificada em Kager (1999) para explicitar a aquisição do desvozeamento em final de sílaba no Holandês.

Ao respondermos (ii), observamos que tais condições – Otimização Lexical e "inferência" –, de certa forma, já parecem funcionar como uma restrição na natureza do *input* na OT.

De acordo com Smolensky (1996, p. 5), uma das motivações básicas para se considerar o princípio da Riqueza da Base é a restritividade teórica, ou seja, a variação existente entre as línguas na OT é explicitada apenas por um mecanismo: ranqueamento de restrições. *Uma teoria universal do input está, portanto, ao menos implícita nas análises de OT.* Retomando McCarthy (2002), suponha que a combinação livre dos objetos lingüísticos primitivos permita a distinção entre A/B/C/D, suponha ainda que a língua X apresenta [A, B, C, D] em seu inventário, enquanto a língua Y apresenta apenas [A, B, C]. O inventário da língua Y está restrito pela ausência de D. Esse inventário, no entanto, é limitado pelo ranqueamento de restrições, não pela ausência de D nas formas subjacentes pois, mesmo considerando essa possibilidade, a gramática ainda teria que dar conta para que A/B/C não fossem transformados em D, ou, ainda, para que D não fosse inserido. Impor uma restrição no *input* da língua Y ainda necessitaria do ordenamento de restrições para que D não emergisse. A Riqueza da Base, todavia, propõe que a língua Y não apresenta D em seu inventário devido ao ordenamento diferenciado das restrições universais.

Conforme McCarthy (2002), a afirmação postulada por ROTB que todas as línguas dividem o mesmo quadro de *inputs* "potenciais" (destaco, aqui, esse termo) tem sido *absurdamente interpretada* pelo entendimento que todas as línguas têm literalmente o mesmo vocabulário e que uma determinada produção pode ter qualquer

forma subjacente. Aqui insere-se Reiss (2000): *nós poderíamos, (...), também postular que pode haver bananas, não representações de bananas, mas bananas, na representação subjacente das palavras.*

Na verdade, ROTB apenas postula que nenhuma regularidade significativa linguisticamente tem sua fonte no *input*. Retomando-se o exemplo de McCarthy (2002), a gramática do Maori mapeia uma sílaba CVC para possíveis *outputs* CV ou CVCV.

Isso não significa dizer que um *output* do Maori pode corresponder a qualquer *input*, apenas que o sistema de restrições – com NoCoda acima – é que garante a emergência de sílabas CV. A regularidade está no ranqueamento de restrições, não em uma restrição atuando no *input* que impede a realização de sílabas com coda. O Maori pode ter *inputs* CVC que, ainda assim, a emergência das sílabas será apenas CV.

A noção de contraste, a qual a teoria derivacional colocava no nível da representação lexical, é atribuída à interação no nível do *output* na OT. Isso significa dizer que a interação é considerada no nível do *output* por envolver restrições de marcação e de fidelidade avaliando formas de *output*. A noção de contraste parece ser atribuída ao filtro na OT, ou seja, ao ranqueamento de restrições.

ROTB não recusa a possibilidade de restrições ‘universais no *input*’, de acordo com McCarthy (2002), deve-se considerar a existência de um alfabeto universal de traços fonológicos. Outra possibilidade é considerar a ausência de contraste entre as línguas na silabação tautomorfêmica de itens lexicais – como *pa.ta*, que não apresentará a forma *pat.a* – como a ausência da silabação nas representações subjacentes. A OT ainda pode ver a ausência de contraste na silabação de forma diferenciada: *nenhuma silabação no input terá qualquer influência na estrutura de superfície que surgirá se não há nenhuma restrição de fidelidade de estrutura silábica.*

Kager (1999, p. 31-32) demonstra como um único ranqueamento para o Inglês poderia gerar as formas de *output* corretas [sæd] *sad* e [sænd] *sand*, usando qualquer especificação de nasal na forma subjacente. O ranqueamento produz o *output* correto para qualquer um dos léxicos em (1).

(1) *V_{nasal}N >> *V_{nasal} >> Ident-IO (nasal)

INPUT	OUTPUT
/sæd/ & /sænd/	> [sæd] & [sænd]
/sæd/ & /sænd/	> [sæd] & [sænd]
/sæd/ & /sænd/	> [sæd] & [sænd]
/sæd/ & /sænd/	> [sæd] & [sænd]

(2)

Input	/sæd/	*VoralN	*Vnasal	Ident-IO(nasal)
a) ☞	[sæd]			
b)	[sænd]		*!	*

(3)

Input	/sæd/	*VoralN	*Vnasal	Ident-IO(nasal)
a) ☞	[sæd]			*
b)	[sænd]		*!	

(4)

Input	/sænd/	*VoralN	*Vnasal	Ident-IO(nasal)
a)	[sæd]	*!		
b) ☞	[sænd]		*	*

(5)

Input	/sænd/	*VoralN	*Vnasal	Ident-IO(nasal)
a)	[sæd]	*!		*
b) ☞	[sænd]		*	

O domínio de uma restrição de marcação sensível ao contexto sobre uma restrição de contexto livre, e ambas acima de uma restrição de fidelidade, é um exemplo do enfoque da OT para a variação alofônica.

De acordo com Kager, quando a restrição *V_{nasal} não está dominada em alguma língua, todas as vogais serão orais, independente da especificação lexical. Tais restrições de marcação são tão fortes quando posicionadas acima que delimitam o *output* independente do *input*, mas isso não quer dizer que o *input* poderá ser qualquer forma, uma vez que esse será “adquirido” ou “inferido” no processo de aquisição. Portanto, a questão é realmente verificar como a aquisição do *input* ocorre.

Ao criticar a análise de Kager (1999) e o tratamento que a OT dá a questões relacionadas à configuração do *input*, Reiss (2000) enfoca o exemplo da nasalidade nas vogais do Inglês. No entanto, a análise de Kager (1999), já demonstrada em (1), é feita para evidenciar que a distribuição complementar está associada à irrelevância do *input*. Poder-se-ia sugerir que a OT evidenciaria a alofonia através da possibilidade de múltiplos *inputs* e do ranqueamento M>>F. Isso não significa, no entanto, que os falantes apresentam

formas diferenciadas de *input* para a produção de [sæd] e [sænd], como é postulado por Reiss (2000). Conforme Kager (1999), o ranqueamento esconde o *input*, obscurecendo evidência empírica que o aprendiz pode usar para basear a sua escolha de uma determinada forma subjacente.

Através da Otimização Lexical, o *input* é estabelecido pelo aprendiz, portanto, não haverá mais *inputs* hipotéticos.

Otimização Lexical: suponha que muitos *inputs* diferentes I_1, I_2, \dots, I_n , quando parseados em uma gramática G [hierarquia de restrições ranqueadas] conduza aos *outputs* correspondentes O_1, O_2, \dots, O_n , todos os quais são realizados com a mesma forma fonética ϕ - estes *inputs* são todos foneticamente idênticos com respeito à G . Um desses *outputs* deve ser o mais harmônico, pelo fato de incorrer a marca de violação menos significativa: suponha que este *output* ótimo seja rotulado de O_i . Então, o aprendiz deveria escolher para a forma subjacente de ϕ o *input* I_i . (Prince e Smolensky, 1993, p. 192)

Ito e Mester (2001) também fazem "confusão" semelhante ao sugerirem que a Teoria da Simpatia não é eficaz em suas explicitações - tomando como exemplo um caso de opacidade pela vocalização alofônica de /R/ no Alemão. Conforme os autores, a Riqueza da base requer que seria irrelevante para a escolha do *output*, se o *input* seria constituído por /g/ ou /R/, isso porque ROTB oferece a possibilidade de escolha entre a gama de *inputs* possíveis. Mas, conforme é salientado por Kager, a possibilidade de *inputs* diversos não significa a escolha de *inputs* diversos, apenas um será escolhido pelo processo da Otimização Lexical. O argumento de Ito e Mester para "enfraquecer" a Teoria da Simpatia não se faz válido porque, na verdade, o *input* possui sim uma forma estabelecida, aquela escolhida pela Otimização Lexical.

Para Reiss (2000), ROTB é apenas uma propriedade matematicamente interessante, mas psicologicamente desinteressante. Retomemos, primeiramente, os principais aspectos positivos destacados pelo autor:

- (i) livrar a teoria fonológica de restrições de estruturas morfêmicas: tais restrições servem apenas para reafirmar aspectos memorizados do léxico de uma língua particular;
- (ii) se linguístas encontram generalizações na descrição do léxico, não há razão para colocá-las como parte do conhecimento dos falantes, pois são irrelevantes para o mapeamento *input/output* que a gramática é responsável.

Para o autor, no entanto, ROTB apresenta alguns pontos problemáticos:

- (i) ROTB não é um princípio, porque ela apenas nomeia entidades que não são parte da teoria. Em um estilo atípico, mas típico do autor, a afirmação de que ROTB não é um princípio é feita através da seguinte comparação: "Gramáticas da OT não contêm elétrons ou crenças - uma declaração desse tipo também não faz parte da teoria, nem deveria fazer";
- (ii) há análises que precisam lançar mão desse princípio e há análises que somente fazem sentido se MSCs são incluídas na gramática.

3 Evidências da aquisição para a importância de ROTB

Por que ROTB não pode ser considerada um princípio? Por que esse princípio não pode fazer parte da teoria, principalmente no que se refere à aquisição? Conforme Bonilha (2000), a Gramática Universal, na OT, é vista como $H0+GEN+EVAL$, o mapeamento entre *input* e *output* conta exatamente com esses três elementos. É justamente através da Riqueza da Base e da Otimização Lexical que os *inputs* podem ser "adquiridos" pelo aprendiz. A Riqueza da Base também é, conforme Smolensky (1996), o que efetivamente garante que a hierarquia inicial apresente restrições de marcação dominando restrições de fidelidade.

Conforme Smolensky (1996, p. 1), $H0$ é uma consequência da Riqueza da Base e converge para a generalização de Jakobson no que se refere à aquisição de estruturas não marcadas, dando conta dos dados da aquisição. Considerando que $H0=M>>F$, os *outputs* precoces das crianças proíbem as mesmas violações de restrições estruturais da forma adulta, quando restrições de marcação estão ranqueadas suficientemente altas na hierarquia.

Na verdade, $H0$ passa a não ser mais imposta simplesmente pela emergência precoce das formas não marcadas, mas torna-se necessária de acordo com a Riqueza da Base. Smolensky (1996) explicita tal relação através do exemplo da aquisição de uma língua Σ^{CV} , em que todas as sílabas apresentam a forma não marcada CV, sem que haja a necessidade de epênteses ou apagamentos, ou seja, os *inputs* também possuem a forma /CVCV.../. Qualquer ranqueamento de restrições dará conta da emergência de sílabas CV, pois não há a violação de nenhuma restrição de estrutura silábica, nem de restrições de fidelidade, pois os *inputs* também são

⁷ Pinçados da base rica.

CV. No entanto, de acordo com a Riqueza da Base, formas de *input* não possuem restrições morfológicas, ou seja, a língua Σ^{CV} é potencialmente capaz de apresentar uma forma de *input* como /CVC/, sendo a generalização da emergência [CV] totalmente retirada do ranqueamento de restrições. Para produzir apenas sílabas CV, com *inputs* não restritos, a gramática inicial deve apresentar $M \gg F$ para que Σ^{CV} seja adquirida.

Ao considerarmos esse ranqueamento, a forma de *input* do aprendiz parece, no entanto, também ser divergente da forma de *input* do adulto, pois restrições de fidelidade estão ranqueadas abaixo, acenando para a construção de *outputs* e de *inputs* infieis. De acordo com Smolensky (1996), o mecanismo de compreensão, vinculado à aquisição do *input*, parseia as formas, geralmente, de maneira fiel, através da Otimização Lexical. Essa proposta considera apenas uma gramática, sendo que o processo de compreensão e produção ocorre em duas vias – evidenciado através do *tableau des tableaux*. Segundo McCarthy (2002), o que parece ser uma diferença no desenvolvimento é, na verdade, o resultado de diferenças em como a avaliação de restrições funciona quando a gramática é usada em uma direção ou em outra.

Ainda de acordo com o autor, a Otimização Lexical não deve ser vista como um princípio, mas como uma estratégia de aprendizagem. Na verdade, sugere-se aqui que a Otimização Lexical é inerente à militância das restrições de fidelidade, pois essas é que são responsáveis pela escolha da forma de *input* mais harmônica.

Observe-se em (6) um exemplo da escolha da forma de *input* com a aplicação do *tableau des tableaux*, evidenciando a comparação de duas formas de *input* – fornecidas pela base rica –, para o *output* [sala]. O ordenamento das restrições dispostas em (6) foi retirado de Matzenauer (2001) – um trabalho sobre a aquisição das fricativas coronais no Português Brasileiro.

(6)

Output: [sala]		*Cor/-Ant	*Cor/+Ant	Ident-IO (ant)
a) σ /sala/ σ [sala]			*	
	[fala]	*		*
b) /fala/ σ [sala]			*	*
	[fala]	*		

É extremamente pertinente referir aqui as duas leituras que o *tableau des tableaux* oferece em (6). A primeira delas refere-se a escolha da forma de *output*, partindo do *input* /sala/: considerando o ranqueamento proposto por Matzenauer (2001), poder-se-ia sugerir que a restrição de fidelidade Ident-IO (ant) é totalmente dispensável na escolha do *output* mais harmônico, pois, partindo do *input* /sala/, o candidato [sala] é escolhido como forma ótima por violar a restrição *Cor/+Ant, que está ranqueada abaixo da restrição *Cor/-Ant, violada pelo candidato perdedor [fala]. A escolha do candidato ótimo é estabelecida apenas pelo ranqueamento entre as restrições de marcação. O mesmo pode ser dito ao analisarmos a escolha do *output* [sala] a partir do *input* /fala/.

No entanto, a segunda leitura oferecida pelo *tableau des tableaux* em (6) evidencia a militância da restrição de fidelidade. Apesar de a base rica fornecer as formas de *input* /sala/ e /fala/, apenas /sala/ será utilizada no mapeamento *input* → *output*, pois essa não incorre em uma violação da restrição de fidelidade Ident-IO (ant), como a forma /fala/. A não militância da restrição Ident I/O (ant) no ranqueamento proposto por Matzenauer (2001) é, portanto, apenas aparente. Assim como também é aparente a existência de mais de uma forma de *input*.

O *tableau des tableaux* em (7) evidencia ainda melhor a militância das restrições de fidelidade na escolha da forma de *input* a ser adquirida.

(7)

input	Output percebido	*Cor/+Ant	Dep	Max	Ident-IO (ant)
a) σ /sala/	[sala]	*			
b) /fala/		*			*
c) /ala/		*	*		
d) /saala/		*		*	

O *input* ótimo – /sala/ – é escolhido por não violar nenhuma das restrições de fidelidade, ou seja, a restrição de marcação *Cor/+Ant não exerce papel na escolha da forma subjacente. Conforme McCarthy (2002), *restrições de marcação avaliam apenas as formas de output, e a forma de output é única* – [sala]. O aprendiz é capaz de compreender a forma de *output* recebida e procura encontrar o *input* ótimo no universo fornecido por ROTB.

Observe-se ainda que a análise proposta pelo *tableau des tableaux* apresenta a violação das restrições de forma inversa à seleção da forma de *output* expressa no *tableau standard*: o *input* /ala/

viola a restrição de fidelidade Dep I/O porque a forma de *output* considerada para a análise – [sala] – apresenta a realização de um segmento que não constitui o candidato a *input* c; o *input* /saala/, ao contrário, viola a restrição Max I/O, exatamente porque o *output* [sala] perde um elemento vocálico, tendo por base o candidato a *input* d fornecido pela base rica.

Sob esse enfoque, é preciso, pois, repensar a militância das restrições nas análises em aquisição fonológica. Nesse caminho de duas vias que constitui os processos de compreensão e produção, restrições apenas aparentemente podem não estar exercendo papel na hierarquia proposta pelo lingüista.

Conforme McCarthy (2002), a Otimização Lexical é utilizada apenas quando não há evidências reais para o estabelecimento da forma subjacente – tratado no presente trabalho como “inferência” – como alternâncias em um paradigma. Em Kager (1999, Cap. VII), é possível visualizar o mecanismo da aquisição das formas de *inputs* utilizado nas análises em OT, com base na Otimização Lexical, no algoritmo de aprendizagem proposto por Tesar e Smolensky (2000) e na Riqueza da Base.

4 Conclusão

Na verdade, todas as análises em aquisição fonológica precisam “lançar mão desse princípio”, pois é através de ROTB que o aprendiz pode “transitar” entre as formas de *inputs* universais para proceder à aquisição do léxico de sua língua. Se há análises que precisam considerar restrições de estrutura morfêmica, sob o enfoque da OT, faz-se necessário mencioná-las, pois tal afirmação parece evidenciar que o ranqueamento de restrições proposto pelo analista é de alguma forma mal estruturado, pois apenas o ordenamento é que dá conta da emergência do inventário de uma língua. O raciocínio, portanto, contrário ao proposto por Reiss (2000), não é sugerir que determinadas análises necessitam das restrições de estrutura morfêmica, mas, sim, questionar tais análises propostas.

Reiss parece “entender” ROTB apenas em sua associação com a variação alofônica, ignorando completamente – ROTB se torna sem sentido no contexto de uma teoria de aprendizagem para a representação subjacente – a forma como esse princípio verdadeiramente atua. ROTB caminha justamente na direção de possibilitar a aquisição das formas de *inputs*. A própria proposta de que $H_0 = M \gg F$ evidencia a relevância dos *inputs* para o estado inicial da aquisição.

É também na direção de uma seleção de formas subjacentes que a teoria tem trabalhado no que se refere à aquisição. Isso não

dispensa ROTB e a Otimização Lexical. A teoria provê uma hipótese, um mecanismo para decidir qual forma de *input* é armazenada. Se a teoria provê, ela não pode ser acusada de que o *input* não importa.

Considerando que a Riqueza da Base postula a existência de múltiplos *inputs*, com base em sua universalidade, é preciso apenas estabelecer a forma do *input* de acordo com os dados da aquisição, ou seja, se as análises em aquisição da linguagem devem tomar por base hierarquias da forma adulta já propostas por outros pesquisadores, as análises da língua alvo também devem tomar como base a forma de *input* proposta pelas análises em aquisição.

Referências

- BONILHA, Giovana F. G. Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCPel, 2000.
- CHOMSKY, Noam. Knowledge of language. Westport, CT: Praeger.
- ITO & MESTER. Structure Preservation and Stratal Opacity in German. In: LOMBARDI, Linda (Ed.). Segmental phonology in optimality theory. Cambridge University Press, 2001.
- KAGER, René. Optimality theory. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1999.
- KIPARSKY, Paul. Paradigmatic effects and opacity. Stanford: CA:CSLI. (no prelo)
- MATZENAUER, Carmen Lúcia B. On the acquisition of fricatives in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no GALA. Palmela, set. 2001.
- MCCARTHY, John. A thematic guide to optimality theory. Cambridge University Press, 2002.
- ; PRINCE, Alan S. Prosodic morphology I: Constraint interaction and satisfaction. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.
- PRINCE, Alan, SMOLENSKY, Paul. Optimality theory – constraint interaction in generative grammar. RuCCs Technical report 2, 1993.
- REISS, Charles. Optimality theory from a cognitive science perspective. The Linguistic Review, v. 17, n. 2-4, p. 291-302, 2000.
- SMOLENSKY, Paul. The initial state and ‘richness of the base’ in optimality theory. ROA -154, 1996. [http://ruccs.rutgers.edu/roa.html]
- TESAR, Bruce; SMOLENSKY, Paul. The learnability in optimality theory. The MIT Press, 2000.

Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Revista informativa - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia - *Trimestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Quadrimestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social – *Anual*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Semestral*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina – *Anual*
- **CIVITAS**
Revista de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências